

História da Filosofia Moderna III – Avaliação, 1º semestre de 2023

Prof. Pedro Paulo Pimenta

Instruções para a realização da avaliação.

- 1) Leia o texto abaixo e explique-o, recorrendo eventualmente a outras passagens do *Tratado* e a comentadores listados na bibliografia;
- 2) Não cite anotações de aula nem utilizar teses de bancos de dados ou outros textos que não os recomendados durante o curso;
- 3) O texto deve ser escrito em espaço duplo, tendo até 10 páginas, incluindo a bibliografia.
- 4) Releia o texto de avaliação antes de submetê-lo, verificando ortografia, gramática, estilo e formatação;
- 5) Envie a avaliação por email até às 19 hs. do dia 17/07/2023, utilizando o seguinte endereço de correspondência: pgpimenta@usp.br.

Obs. As avaliações *não devem ser entregues* na secretaria, diferentemente do que foi combinado em sala de aula.

“Possuímos uma ideia distinta de um objeto que permanece invariável e ininterrupto ao longo de uma suposta variação de tempo; e a essa ideia denominamos identidade ou mesmidade. Possuímos também uma ideia distinta de diversos objetos diferentes existindo em sucessão e conectados entre si por uma relação estreita; e essa ideia proporciona, para um olhar preciso, uma noção tão perfeita de diversidade como se não houvesse nenhuma relação entre os objetos. Mas, embora essas ideias de identidade e de uma sucessão de objetos relacionados sejam em si mesmas totalmente distintas, e até contrárias, é certo que, em nosso modo comum de pensar, geralmente as confundimos. A ação da imaginação pela qual consideramos o objeto ininterrupto e invariável e a ação pela qual refletimos sobre a sucessão de objetos relacionados são sentidas de maneira quase igual [are almost the same to the feeling], não sendo preciso um esforço de pensamento muito maior neste último caso que no primeiro. A relação facilita a transição da mente de um objeto ao outro, e torna essa passagem tão suave como se contemplássemos um único objeto contínuo. Tal semelhança é a causa de nossa confusão e erro, fazendo-nos trocar a noção de objetos relacionados pela de identidade. Embora em um momento possamos ver a sucessão relacionada como variável ou descontínua, no momento seguinte certamente iremos atribuir a ela uma identidade perfeita, considerando-a como invariável e ininterrupta. Nossa propensão para esse erro é tão forte, em virtude da semelhança já mencionada, que o cometemos antes de nos darmos conta disso. E, mesmo que nos corrijamos incessantemente pela reflexão, retornando assim a um modo mais exato de pensar, não conseguimos sustentar nossa filosofia por muito tempo, nem libertar a imaginação dessa inclinação. Nosso último recurso é ceder a esta última, e afirmar ousadamente que esses diferentes objetos relacionados são de fato a

mesma coisa, não obstante sua descontinuidade e variação. Para justificar perante nós mesmos tal absurdo, frequentemente imaginamos algum princípio novo e ininteligível que conecte os objetos, impedindo sua descontinuidade ou variação. É assim que criamos a ficção da existência contínua das percepções de nossos sentidos, com o propósito de eliminar a descontinuidade; e chegamos à noção de uma alma, um eu e uma substância, para encobrir a variação. Mas podemos observar além disso que, mesmo quando não criamos tal ficção, nossa propensão a confundir a identidade com a relação é tão forte que tendemos a imaginar alguma coisa desconhecida e misteriosa conectando as partes, além da relação. Penso ser este o caso da identidade que atribuímos às plantas e animais. E, mesmo quando isso não ocorre, ainda sentimos uma propensão a confundir essas ideias, embora não consigamos nos convencer inteiramente quanto a esse ponto, por não encontrarmos alguma coisa invariável e ininterrupta que justifique nossa noção de identidade”.

Hume, *Tratado da natureza humana*, I.4.6, tradução de Deborah Danowski. São Paulo: Unesp, 2000, pp. 286-287.

Notas dos seminários.

Vespertino:

Livro I, 1, 1: Origem das ideias – Mariana: 8,0; José Márcio: 8,0.

Livro I, 1, 2-4: Conexão de ideias – Gustavo: 8,0; Lucas: 8,0.

Livro I, 1, 5-6: Relações de ideias – Emanuel: 8,0; Vitor: 8,0.

Livro I, 1, 7: Ideias abstratas – Artur: 10,0; Marcelo Elias: 10,0.

Livro I, 2, 6: Existência externa – Rodrigo: 10,0; José: 9,0.

Livro I, 3, 1: Conhecimento – Edgar: 6,5; Nicolas: 7,0; Matias: 7,5.

Livro I, 3, 2: Probabilidade – Ailton: 8,0; Pedro: 10,0.

Livro I, 3, 7-8: Crença – Luísa: 9,0; Isadora: 9,0.

Livro I, 3, 16: Da razão dos animais – Gisele: 10,0; Julia: 10,0.

Livro I, 4, 6: Identidade pessoal – Rafael: zero (reprovado); Ryu: zero (reprovado).

Livro II, 3, 10: Amor à verdade – Guilherme: 8,5; Diogo: 7,5.

Noturno:

Livro I, 1, 1: Origem das ideias – Pablo: 8,5

Livro I, 1, 2-4: Conexão de ideias – Vagner: 8,0

Livro I, 1, 5-6: Relações de ideias – Caio: 8,0

Livro I, 1, 7: Ideias abstratas – Lucas: 9,0; Edinaldo: zero (reprovado)

Livro I, 2, 6: Existência externa – Felipe: 10,0; Rogério: 7,0.

Livro I, 3, 1: Conhecimento – Lucas: 8,0; Christian: 8,0.

Livro I, 3, 2: Probabilidade – Luís: 7,0; Vinicius: 8,0.

Livro I, 3, 7-8: Crença – Guilherme: 7,0; José H.: 9,0.

Livro I, 3, 16: Da razão dos animais – Miriam: 8,0; Wilson: 8,0.

Livro I, 4, 6: Identidade pessoal – William: 8,0; Francisco: 10,0.

Livro II, 3, 10: Amor à verdade – Lucas: 8,0; Janaina: 10,0.